

Nem sempre as mulheres preferem as formas linguísticas padrão (a variação de /v/ em Ílhavo)

Fátima Rezende Matias

Universidade de Aveiro

O interesse pelo estudo da variação sexual da linguagem remonta pelo menos ao século XVII, época da publicação de um relatório, mencionando diferentes maneiras de falar entre os homens e as mulheres das Antilhas (Jespersen 1992:237-254). Foram, com efeito, as chamadas culturas exóticas, que despertaram a atenção de missionários, linguistas e antropólogos, para certas peculiaridades linguísticas relacionadas com o sexo do interlocutor.

De um modo geral, as formas usadas exclusiva ou preferentemente pelos homens eram consideradas a norma, relativamente à qual as formas da linguagem feminina se entendiam como desvios. Este preconceito linguístico, de que enfermaram alguns estudiosos de renome, como por exemplo Sapir e Jespersen (Key 1975:14-15), foi secundado por outro: o apregoado conservadorismo linguístico da mulher, por oposição ao espírito dinamicamente inovador do homem (Cameron e Coates 1985:143).

Trata-se, com efeito, de uma inconsistente generalização, pois, fazendo o balanço dos trabalhos dedicados ao assunto, verifica-se que nuns casos é o grupo mulheres, que lidera os processos de inovação, e que noutros esse papel é assumido pelos homens. Embora não falem exemplos de conservadorismo na linguagem da mulher (em França, Itália, Suíça, Alemanha, Canadá, Estados Unidos da América, entre outros), com igual ou maior frequência ocorrem situações em que ela é o elemento inovador (Eckert 1998:67; Matias 1995:103-104).

Um dos primeiros trabalhos a pôr em evidência esta característica foi o estudo de Gauchat sobre Charmey, na Suíça (Gauchat 1905). Também Terracini, no princípio do século, menciona, em relação à linguagem de Usseglio, o papel desempenhado pelas mulheres, no que se refere às inovações linguísticas. É sobretudo esse aspecto, que se vem observando nos trabalhos mais recentes, quer se trate de situação de contacto linguístico, registando-se por parte das mulheres um mais rápido abandono dos dialectos ou variedades locais, em favor da língua nacional (Smith 1979:120-121), quer em relação a situações de unilinguismo, encabeçando quase sempre as mulheres o uso de formas novas (Guy 1988:48 e 59).

Casos há até em que, complicando um pouco mais o quadro, a mulher surge, em simultâneo, como linguisticamente inovadora e conservadora¹. Talvez precisamente por isso, nem sempre foram intelectualmente pacíficas as justificações propostas.

Com efeito, no final da década de sessenta, dois factores – um de ordem externa: o eclodir dos movimentos feministas na América e no Velho Continente; outro de ordem interna: o desabrochar de um novo (ou retomado) paradigma, no estudo da linguagem (a análise da língua no seu contexto social) – contribuíram, de forma decisiva, para o incremento do estudo científico da variação sexual da linguagem, deitando por terra alguns dos antigos estereótipos, acerca da até então denominada «linguagem da mulher».

Assim, em relação ao problema do conservadorismo linguístico do sexo feminino, ficou claro que durante muitos anos foi usado em desabono da mulher, já que, quando esta se apresentava como linguisticamente conservadora, se exaltava no homem a capacidade de criar novas expressões, novas formas, e quando, por seu turno, a linguagem feminina tinha cariz inovador, criticava-se-lhe, precisamente, essa faceta, apreciando no homem a capacidade de zelar pela «integridade» do idioma (Cameron e Coates 1985:143). Por isso, para muitos estudiosos, o tradicional conservadorismo da linguagem da mulher faz hoje parte da mitologia linguística, entendendo-se, com razão, que o comportamento linguístico que este grupo ostenta, conservador ou inovador, deve ser analisado em função do específico contexto que o origina (Eckert 1998).

Mas se em relação a este aspecto poucas dúvidas restam, uma outra questão surge. Como justificar o regular comportamento linguístico das mulheres, detectado em vários pontos do globo – Estados Unidos da América, Canadá, Inglaterra, Irlanda do Norte, Suécia, Holanda, Austrália, Nova Zelândia, Israel, entre outros² – e, de acordo com o qual, as suas produções linguísticas apresentam maior percentagem da variante linguística padrão do que as produções linguísticas dos homens do mesmo estrato social e etário, na mesma situação de comunicação?

No conjunto dos resultados obtidos pela Sociolinguística, durante a segunda metade do século XX, esta é a mais sólida conclusão a que se chegou, de tal forma que, apesar das excepções que foram surgindo, se impôs, como princípio, o que Fasold chama de “sociolinguistic gender pattern”, Labov intitula de «first principle of sexual differentiation» e Chambers refere como «a sociolinguistic verity» (Cheshire e Gardner-Chloros 1998).

Vários Autores têm procurado compreender os motivos que levam as mulheres a evitar as formas linguísticas estigmatizadas, preferindo as formas com prestígio. Em síntese, pode dizer-se que as explicações propostas contemplam, directa ou indirectamente, o factor biológico, o poder e a dimensão do prestígio e status.

¹ NICHOLS, P. (1983), p.64, : «Some recent sociolinguistic studies have found that women who are conservative in some aspects of their speech may be innovative in other aspects, presenting a paradox for the researcher who tries to explain their behavior»; SWIGART, L. (1991).

² Vejam-se as observações feitas em MATIAS, F. 1995, p.106

Peter Trudgill (1983), um dos proponentes desta última justificação, talvez a mais influente no domínio, considera que consciente da posição subalterna que ocupa na sociedade, desprovida de estatuto social próprio, porque tantas vezes sem profissão, não podendo, por isso, ser socialmente classificada pelo que faz, mas, sim, pelo que aparenta, a mulher utiliza a linguagem como um símbolo de status e como uma forma de compensação.

Por outro lado, o papel que, como mãe, desempenha na transmissão da língua «obriga-a», igualmente, enquanto educadora, a um maior esforço de correcção. Além disso, o facto da sociedade atribuir, à variedade linguística dos estratos sociais mais baixos, conotações de masculinidade poderá contribuir, também, para o encaminhamento do grupo mulheres, na direcção das variantes mais prestigiadas, fugindo assim ao estigma da «virilidade».

Apesar destas achegas ao problema da variação sexual da linguagem, as objecções surgiram. Um dos reparos feitos prende-se com a questão do sexo do entrevistador (Graddol e Swann 1989:56). Dizem alguns estudiosos que a maior parte dos resultados obtidos se originou a partir de entrevistas, conduzidas por investigadores do sexo masculino, tendo essa característica inevitavelmente afectado as produções linguísticas do grupo mulheres, criando-lhe assim uma situação de constrangimento, a que não foram sujeitos os homens entrevistados.

Embora este argumento tenha aspectos válidos, pois é incontestável a influência, mais ou menos consciente, que qualquer entrevistador exerce sobre o entrevistado (Briggs 1986 e Milroy 1987), a existência de trabalhos de campo, levados a cabo por entrevistadoras, em que o comportamento linguístico do grupo mulheres se insere perfeitamente, no esquema mencionado de preferência pelas formas-padrão, mostra como, neste caso, o argumento invocado não é relevante (Milroy 1980).

Mais séria é, sem dúvida, uma outra objecção, que se põe aos resultados conseguidos, na pesquisa desta variável. Trata-se, com efeito, de uma questão-chave, de carácter metodológico, sobre a qual assenta toda a arquitectura da recolha: a inserção da mulher na estratificação social³. Excluída das amostragens, ou considerada marginal relativamente à estratificação, pode afirmar-se que a sua presença nos estudos sociológicos é quase nula. Embora aceitando parcialmente os argumentos de alguns sociólogos, que fundamentam a referida omissão na concreta situação de dependência económica da mulher, relativamente ao homem, até meados do século passado, não deixa de ser estranho que perante as grandes mutações sociais, operadas na condição feminina, após a Segunda Guerra Mundial, o posicionamento intelectual da Sociologia seja quase idêntico ao do passado.

Com efeito, quase sempre o critério de atribuição de estrato social, no que respeita às mulheres, tem sido aleatório, atribuindo-se-lhes, pura e simplesmente, o estrato social do pai ou do marido. Em conformidade, tendo em conta as premissas

³ Veja-se: ABBOTT, P. e SAPSFORD, R. (1987) e o que escrevi em MATIAS, F (1995), p.49-53

sociológicas altamente questionáveis, sobre que assentam, é lícito questionar os resultados obtidos em boa parte das análises sociolinguísticas, que recorrem a tão curioso método.

Talvez por estarem conscientes destas insuficiências, nos mais recentes trabalhos de Sociolinguística, os estudiosos têm vindo a adoptar novas formas de abordagem do problema, enveredando por caminhos diversos dos seguidos, nas pesquisas de tipo estratificacional. Entre as alternativas escolhidas, conta-se o recurso, explícito ou implícito, ao método das redes sociais (social network), cujo trabalho paradigma é a pesquisa de Lesley Milroy em Belfast. De acordo com esta Autora, «an individual's social network is simply the sum of relationships which he or she has contracted with others» (Milroy 1980:105), dependendo o seu tipo — rede social cerrada ou densa (closeknit network), ou rede social frouxa, solta (looseknit network), — do grau de integração do indivíduo, na comunidade a que pertence. Assim, ainda segundo a referida Autora, indivíduos com redes sociais densas, fortemente ligados à comunidade local e às suas normas (incluindo a linguística), são menos vulneráveis à influência da variante-padrão, apresentando, ao invés, predilecção por esta os indivíduos a que correspondem redes sociais de tipo frouxo.

Tendo em conta o conhecimento que possuo da cidade de Ílhavo, por dela ser oriunda e há vários anos estar inserida nas redes sociais locais, procedi ao estudo da variação sexual de /v/, através da observação participante, minimizando assim o chamado «paradoxo do observador» (Labov 1972:113) e, em consequência, acedendo a produções linguísticas próximas das que normalmente ocorrem nos intercâmbios quotidianos.

Seleccionou-se uma amostra criteriosa⁴, com quarenta e oito elementos, constituída por 50% de falantes com redes sociais densas e 50% com redes sociais frouxas, equitativamente repartidos por sexos, idades (quatro níveis etários: até 15 anos; entre 15 e 30; entre 30 e 60; mais de 60) e estratos sociais (baixo, médio e alto). Para a inserção dos indivíduos na estratificação social, utilizou-se um índice composto, com recurso a vários indicadores — profissão ou ocupação, nível de instrução, rendimento e profissão ou ocupação do pai — por se entender que, relativamente ao índice simples (em regra, usando o indicador profissão), veicula um conhecimento mais profundo da estrutura social e ainda porque permite ultrapassar as questões que se colocam, no que respeita à atribuição de estrato social às mulheres sem ocupação fora do lar, as chamadas donas de casa.

A metodologia adoptada para a tipificação das redes sociais é a descrita por Jeremy Boissevain, tendo, no entanto, sempre presente que como este Autor afirma «To sum up, network analysis is very simple: it asks questions about who is linked to whom, the nature of that linkage, and how the nature of the linkage affects behaviour» (Boissevain 1987:165).

⁴ Sobre este tipo de amostragem e sobre a atribuição de estrato social veja-se MATIAS, F. (1995), p.28-53 e bibliografia aí citada

A comunidade linguística de que me ocupo – Ílhavo – é uma cidade com cerca de 15 000 habitantes, situada no litoral centro, a 8 Km da capital de distrito (Aveiro). Povoação muito antiga, com forte individualidade no contexto local, está desde tempos remotos ligada às fainas marítimas, tendo fornecido grande contingente de pescadores de costa e de alto mar. A prolongada e sistemática ausência dos homens levou o elemento feminino a assumir a liderança total da família, nos seus múltiplos aspectos, encontrando-se curiosas formas de matrilinearidade, visíveis, por exemplo, na Antroponímia: os filhos são quase sempre conhecidos pelo apelido da mãe, atingindo esta prática as publicações locais; e as alcunhas, na sua maioria do género feminino (ex^{os}: Balcoa, Leoa, Furoa, Peixa, Robala), raramente apresentam a correspondente forma masculina.

Inserida numa zona dialectal que «...é talvez a que mais carece, nos seus traços gerais, de particularidades fonéticas vincadas» (Boléo e Silva 1974:332), Ílhavo constitui uma interessante excepção (noutro local me referi à vocalização de *l* final de sílaba em *w*, com 34% de implantação, em palavras como *sal*, *papel*, *filme*, *sol*, *folga*, etc.)⁵, até pela proximidade a que se encontra de Aveiro, cidade linguisticamente representativa da região a que pertence.

A variação de */v/*, originando muitas vezes a neutralização da oposição fonológica *v/b*, tem merecido a atenção de vários estudiosos, quer do ponto de vista da área que actualmente ocupa, quer relativamente à sua difusão em épocas passadas da história da língua portuguesa (Pinto 1980). Desconhece-se, contudo, geralmente, em relação a este fenómeno, a estrutura sociolinguística que apresenta, nos locais onde está implantado.

Como se pode ver na figura 1, é bastante forte a incidência da variante [b], havendo falantes que atingem os 95%. Com uma percentagem global de 62%, esta variante apresenta uma regular estratificação social (Cf. figura 2) e por grupo etário (figura 3), com as camadas sociais mais desfavorecidas e a geração mais velha no topo, respectivamente, com 78% e 77%.

Confrontando, porém, a variação por rede social (figura 4) e por sexo (figura 5), verifica-se que, a uma forte clivagem na primeira, corresponde uma quase nula variação entre mulheres e homens. Em Ílhavo, as mulheres não só preferem as formas regionais (61%), como o fazem em percentagens idênticas às dos homens (figuras 7 e 9), nos diferentes estratos sociais e etários. Trata-se de uma interessante excepção ao «1º princípio da diferenciação sexual» de William Labov (1990), já que bem perto, em Aveiro, o comportamento linguístico das mulheres nele se enquadra perfeitamente, com 30% de [b], contra os 51% dos homens (Matias 1995).

Tendo em conta a feição matriarcal da povoação, a que atrás se aludiu, a quase ausência de variação por sexos, com idêntica adesão das mulheres à variante regional, poderá certamente explicar-se através da posição preponderante do elemento feminino na localidade, corroborando assim a doutrina de Peter Trudgill, já que

⁵ MATIAS, F., *Linguagem e dinâmica social em Ílhavo*, entregue para publicação no vol. de Homenagem ao Prof. Herculano de Carvalho

assumindo a liderança efectiva não precisa de recorrer à linguagem como um símbolo de status e como uma forma de compensação.

Também a análise por rede social, a variável extra-linguística mais forte da variação (figuras 4, 6 e 8), sobrepondo-se por vezes ao estrato social, permite esclarecer aspectos da variação sexual da palavra. Atente-se, na figura 8, nos 74% de [b] das mulheres com rede social densa, relativamente aos 52% dos homens com rede social frouxa. A preferência pela variante não padrão, independentemente do sexo do falante, constitui, sobretudo, uma forma de adesão aos valores locais, um símbolo de pertença.

As escolhas linguísticas de homens e mulheres dependem, em boa verdade, do específico contexto em que se integram e dos laços, fortes ou ténues, que os ligam aos vários grupos a que pertencem. Nesta perspectiva, acreditamos que a compreensão dos mecanismos da variável género só é possível, através do conhecimento dos múltiplos aspectos da identidade social dos falantes.

Bibliografia citada

- ABBOTT, Pamela e SAPSFORD, Roger (1987), *Women and social class*, London (Tavistock);
- CAMERON, Deborah e COATES, Jennifer (1985), *Some problems in the sociolinguistic explanation of sex differences*, in *Language and Communication*, vol.5, nº3, Oxford (Pergamon Press);
- BOISSEVAIN, Jeremy (1987), *Social network*, in Ammon/Dittmar/Mattheir (eds.), *Sociolinguistics. An International Handbook of the Science of Language and Society*, I, Berlin (W. de Gruyter);
- BOLÉO, M. Paiva e SILVA, M. Helena (1962), "O Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental", in *Boletim de Filologia*, tomo XX, fasc. 1-2, Lisboa;
- BRIGGS, Charles (1986), *Learning how to ask. A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research*, Cambridge (University Press);
- CHESHIRE, Jenny e GARDNER-CHLOROS, Penelope (1998), *Code-switching and the sociolinguistic gender pattern*, in *International Journal of the Sociology of Language*, nº 129, Berlin/New York (Mouton);
- ECKERT, Penelope (1998), *Gender and sociolinguistic variation*, in COATES, Jennifer (ed.), *Language and gender: a reader*, Oxford (Blackwell);
- GAUCHAT, Louis (1905), *L'unité phonétique dans le patois d'une commune*, Halle (Niemeyer);
- GRADDOL, David e SWANN, Joan, (1989), *Gender voices*, Oxford (Blackwell);
- GUY, Gregory (1988), *Language and social class*, in NEWMEYER, Frederick (ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey*, vol.IV (*Language: The Socio-cultural context*), Cambridge;
- HOLMES, Janet (1998), *Women's talk: the question of Sociolinguistic universals*, in COATES, Jennifer (ed.), *Language and gender: a reader*, Oxford (Blackwell);
- JESPERSEN, Otto (1922), *Language. Its nature, development and origin*, London (Allen and Unwin);
- KEY, Mary (1975), *Male/female language*, Metuchen (The Scarecrow Press);

- LABOV, William (1972), *Some principles of linguistic methodology*, in *Language in Society*, 1, Cambridge (University Press);
- LABOV, William (1990), *The intersection of sex and social class in the course of linguistic change*, in *Language variation and change*, 2, Cambridge (University Press);
- MATIAS, Fátima (1995), *Aspectos da estrutura sociolinguística da cidade de Aveiro*, Aveiro (Câmara Municipal);
- MILROY, Lesley (1980), *Language and social networks*, Oxford (Blackwell);
- MILROY, Lesley (1987), *Observing and analyzing natural language. A critical account of sociolinguistic method*, Oxford (Blackwell);
- NICHOLS, Patricia (1983), *Linguistic options and choices for Black women in the rural south*, in THORNE, Barrie, KRAMARAE, Cherie e HENLEY, Nancy (eds.), *Language, gender and society*, Rowley (Newbury House);
- PINTO, A. Angélica (1980), *A neutralização da oposição fonológica v/b em português: estudo sincrónico e diacrónico*, separata de *Biblos*, vol.LVI, Coimbra;
- SMITH, Philip (1979), *Sex markers in speech*, in SCHERER, Klaus e GILES, Howard (eds.), *Social markers in speech*, Cambridge/Paris;
- SWIGART, L. (1991), *Women and language choice in Dakar: a case of unconscious innovation*, in *Women and Language*, nº 15;
- TRUDGILL, Peter (1983), *Social identity and linguistic sex differentiation (Explanations and pseudo-explanations for differences between women's and men's speech)*, in IDEM (ed.), *On dialect (social and geographical perspectives)*, Oxford (Blackwell);

Figuras

Grupo etário	Homens		Mulheres		estrato social
	rede social densa	rede social frouxa	rede social densa	rede social frouxa	
mais de 60 anos	69	51	70	54	alto
entre 30 e 60 anos	60	22	62	24	
entre 15 e 30 anos	52	24	51	23	
até 15 anos	45	31	56	26	
mais de 60 anos	88	74	90	66	médio
entre 30 e 60 anos	86	62	86	52	
entre 15 e 30 anos	67	41	61	29	
até 15 anos	60	34	66	30	
mais de 60 anos	95	86	94	86	baixo
entre 30 e 60 anos	87	71	88	70	
entre 15 e 30 anos	81	69	79	67	
até 15 anos	77	57	77	55	

Figura 1 – Percentagem de [b] nos elementos da amostra

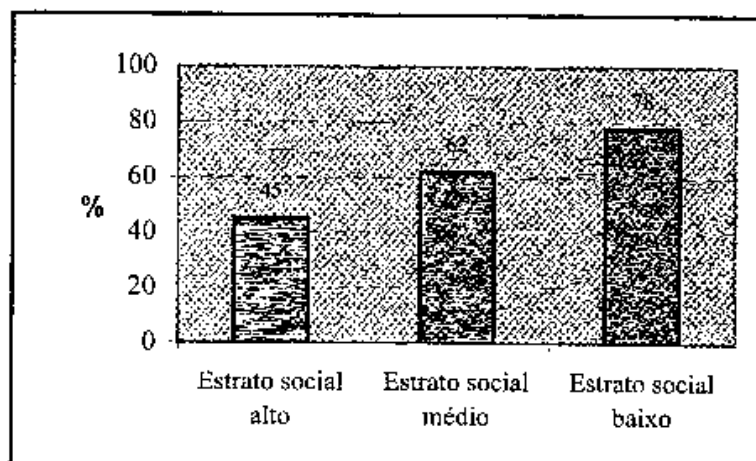


Figura 2 – Percentagem de [b] por estrato social

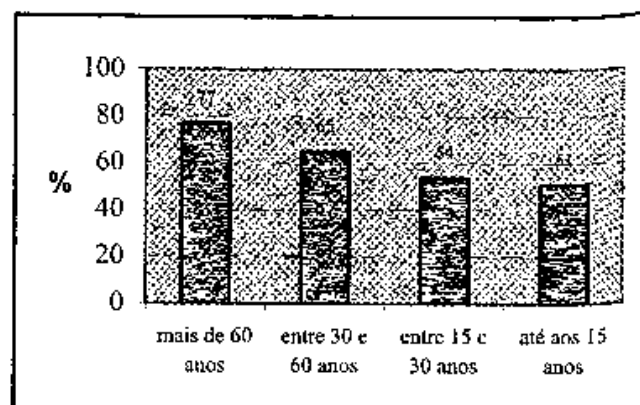


Figura 3 – Percentagem de [b] por grupo etário

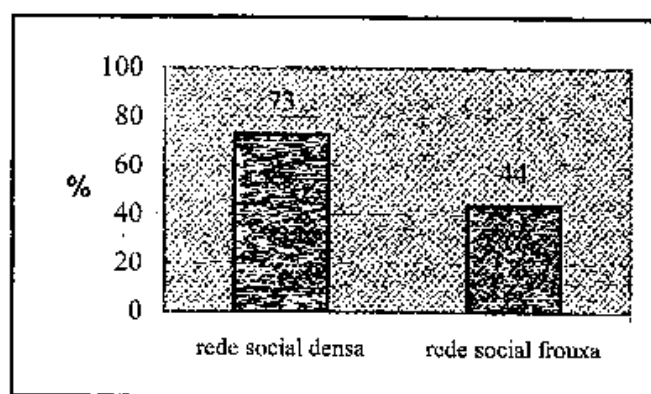


Figura 4 – Percentagem de [b] por rede social

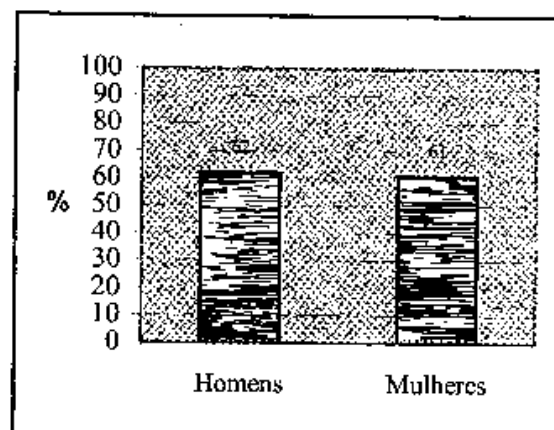


Figura 5 – Percentagem de [b] por sexos

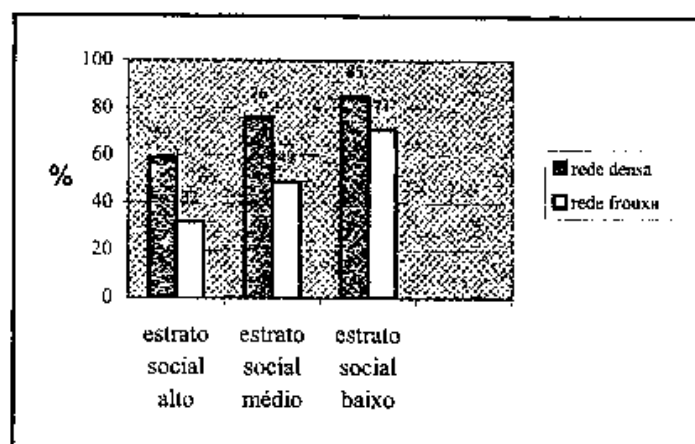


Figura 6 – Percentagem de [b] por estrato e rede social

NEM SEMPRE AS MULHERES PREFEREM AS FORMAS LINGÜÍSTICAS PADRÃO

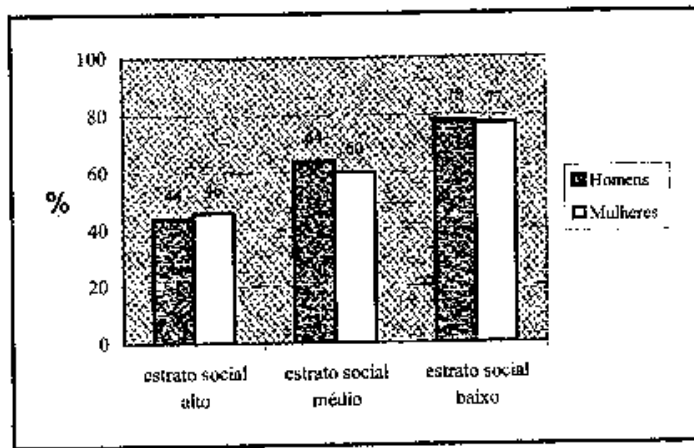


Figura 7 – Percentagem de [b] por estrato e sexo

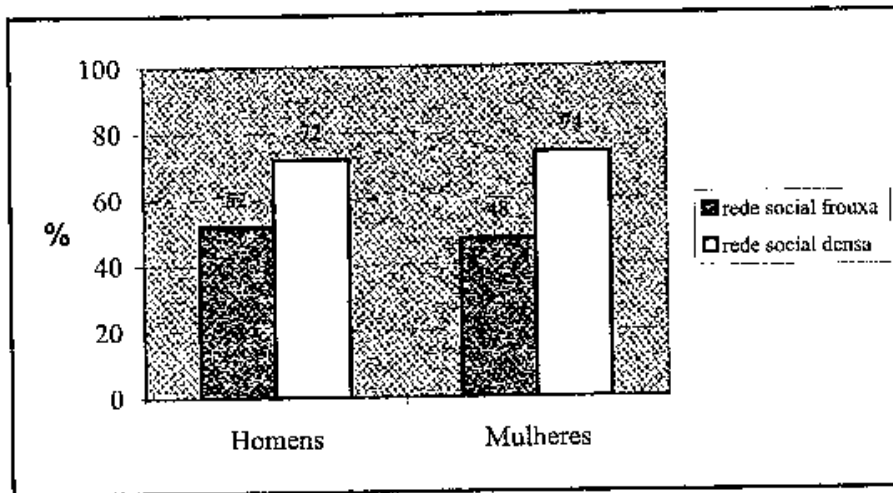


Figura 8 – Percentagem de [b] por sexo e rede social

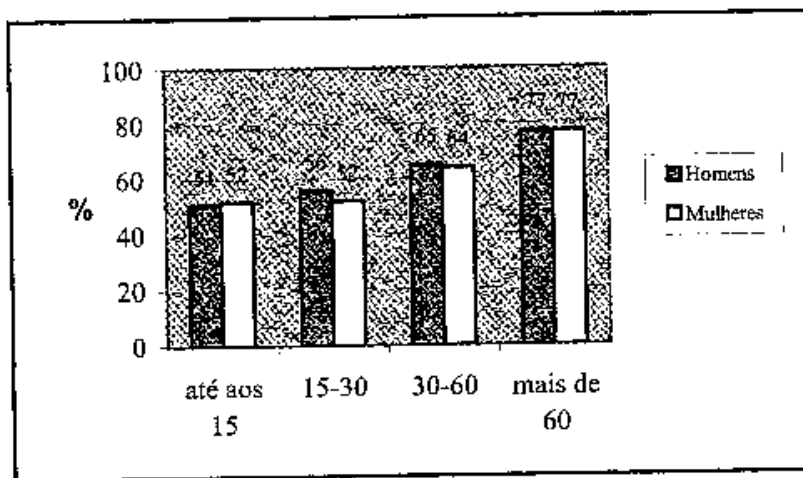


Figura 9 – Percentagem de [b] por grupo etário e sexo